

Recebe-se artigos e desenhos em carta dirigida á Redacção do CABRIÃO—no escriptorio da rua da Imperatriz n.º 20, onde assigna-se e vende-se este jornal aos Domingos, Segundas e Quintas-feiras.

N.º 12

Publica-se
aos Domingos

PARA A CAPITAL
Trimestre . . . 5\$000
Semestre . . . 8\$000
Anno . . . 13\$000

PARA A PROVINCIA
Trimestre . . . 6\$000
Semestre . . . 9\$000
Anno . . . 14\$000

Avulso 500 rs.— Pagamento adiantado.



Meus senhores, (dirijo-me aos não pagantes) eu venho pessoalmente receber a importancia das assignaturas. O Sr. *Cavrião* esta furioso, não fazem idéa! Não quer saber de historia, e anda a *Cabriõnar-me* por causa dos cobres. Os senhores são poucos, é verdade, porém fazem-me andar muito. Tenham paciencia: ou pagar ou ir para esta lista!

CABRIÃO



S. PAULO, 16 DE DEZEMBRO DE 1866.

A antiga redacção do *Diario*, acaba de expirar...

Ainda bem. O *Diario* foi o pelourinho onde se flagellou mais de uma reputação firmada, foi o verdugo de todos aquelles que tinham um nome á fazer respeitar, uma idéa á desenvolver.

Azorrague brandido por mãos mercenarias, fez da penna nobilissima do publicista, um instrumento vil de pequeninas paixões. Deu como um cego, e quando abriu os olhos, vio-se rodeado de victimas salpicadas de lodo!

Com a mascara de uma pretendida imparcialidade, fez das suas columnas um esterquilinio publico, onde todo aquelle que tinha algum lixo a varrer da sua testada, lá ia depositar!

Defendeu com delirio os principios carunchosos do *Direito Divino*, a intolerancia religiosa, o jesuitismo, a vinda das irmãs de caridade, e todas as idéas retrogradadas, que o progresso condemna.

Em relação á luta que ensanguenta as margens do Prata, o *Diario* mais de uma vez deu razão aos inimigos do Brazil!!!

Essas pennas mercenarias não souberam respeitar a dôr de uma nação, que se estorce nos braços do desespero, vendo seus caros filhos ceifados aos milhares pelo alfange da tyrannia!

Quando o povo ultimamente necessitava de uma voz que o encorajasse, de um braço que lhe apontasse a estrada do dever, sahio-lhe ao encontro o *Genio da Discordia*, de rosto esqualido, olhos assanhados, cabellos hirtos, que lhe aconselhava a rebellião, a desobediencia ás ordens do governo, isto é, a vergonha e o opprobio que manchariam as paginas da nossa historia, se o povo dêsse ouvidos á tão perfidos conselhos!

E tudo fez-se, e tudo recommendou-se em nome do partido da *Ordem*, que préga a obediencia passiva ás autoridades constituidas, que quer a monarchia com todos os seus appendices, que professa o jesuitismo e a into-

lerancia politica e religiosa, e vota contra todas as reformas passadas, presentes e futuras!

Basta! Deixemos passar o cadaver que vai caminho da sepultura. Serve-lhe de mortalha as paginas rôtas da Constituição do Imperio, calça as alparcas dos jesuitas, e tem sobre a fronte o sello da maldição das victimas que fez!

Gazetilha

PROCESSO-CABRIÃO—Este grotesco processo, enfezado e ridiculo desde seu nascimento, findou-se por uma sentença de absolvição.

A policia declarou innocente a estampa responsabilizada, e livre de culpa e pena o responsável.

Parabens ao Dr. promotor publico e ao conselheiro delegado de policia, que, por tal modo, souberam dar provas de sua illustração e bom senso.

DESAFFRONTA—Desappareceu afinal do frontespicio do *Diario* um borrão que alli existia á cerca de cinco mezes.

Felicitemos aos habitantes da capital pela desaffronta que acaba de receber o bom senso, com o desaparecimento daquella nodoa.

PATRIOTISMO—O *Cabrião* não tem cobres para offerter a voluntarios, mas põe á disposição dos que se quizerem apresentar para o serviço do exercito, em campanha, duas collecções encadernadas de exemplares de sua pessoa.

O *Cabrião* está convencido que esta offerta hade ser tão procurada, como os centos de mil réis que por ahi se offerecem a quem quizer servir voluntariamente; mas a sua idéa é que se falle no acto que é todo patriotico.

BARULHEIRA—Depois que começou a desenvolver-se o recrutamento nesta boa terra, está tudo fóra dos eixos, os animaes de todas as especies sahiram completamente do sério, e os pintos principalmente, tem feito um barulho de todos os diabos, talvez porque o milho lhes tem faltado.

Seria conveniente logo acomodar esses pintinhos todos, para tranquillidade do genero humano, que tem os ouvidos escangalhados de tanto ouvir piar á tóa.

SENTINELLA DO QUARTEL—Este novo jornal promette occupar-se do Quartel, debaixo de todos os pontos de vista; e de algumas *ninharias* da capital.

E' afinal de contas um *jornal de ninharias*.

VESPAS—Chama-se á ^{***}atenção da policia para a alluvião de vespas que paira, ha tempos á esta parte, nas immediações da typographia do *Diario*, tórando perigozissimo, se não impossivel, o transito pela rua Direita.

O facto é sério, e muito grave.

E' preciso descobrir a *vespeira* e desterra-la para fóra da cidade.

JESUITAS—Os jesuitas ^{***}continuum *engasgados* com o Aristides.

O osso é realmente difficil de engulir.

FORMIGÕES—Consta ^{***}que os recrutadores, adherindo aos conselhos do *Cabrião*, tem agarrado muitos para o exercito.

São dous proveitos em um sacco: engróssa-se as fileiras do exercito, e *rareá-se* as fileiras dos malandros da santa igreja.

PIPA DO QUARTEL—São ^{***}interessantissimas as graves questões agitadas na imprensa diaria da capital á tal respeito.

Recommendamos aos nossos assignantes a leitura dos luminosos artigos publicados pelo *Diario*.

SALVA-SE A PATRIA—^{***}Dizem que, do interior do provincia, estão em marcha para esta capital *mil e tantos* indios, de diversas tribus, com o intuito de offerecer suas *frechas e tacapes* contra os paraguayos.

Epistola familiar

SÃO PAULO, 11 DE DEZEMBRO DE 1866.

Meu querido Gedeão
Das Tramoyas Cansação.

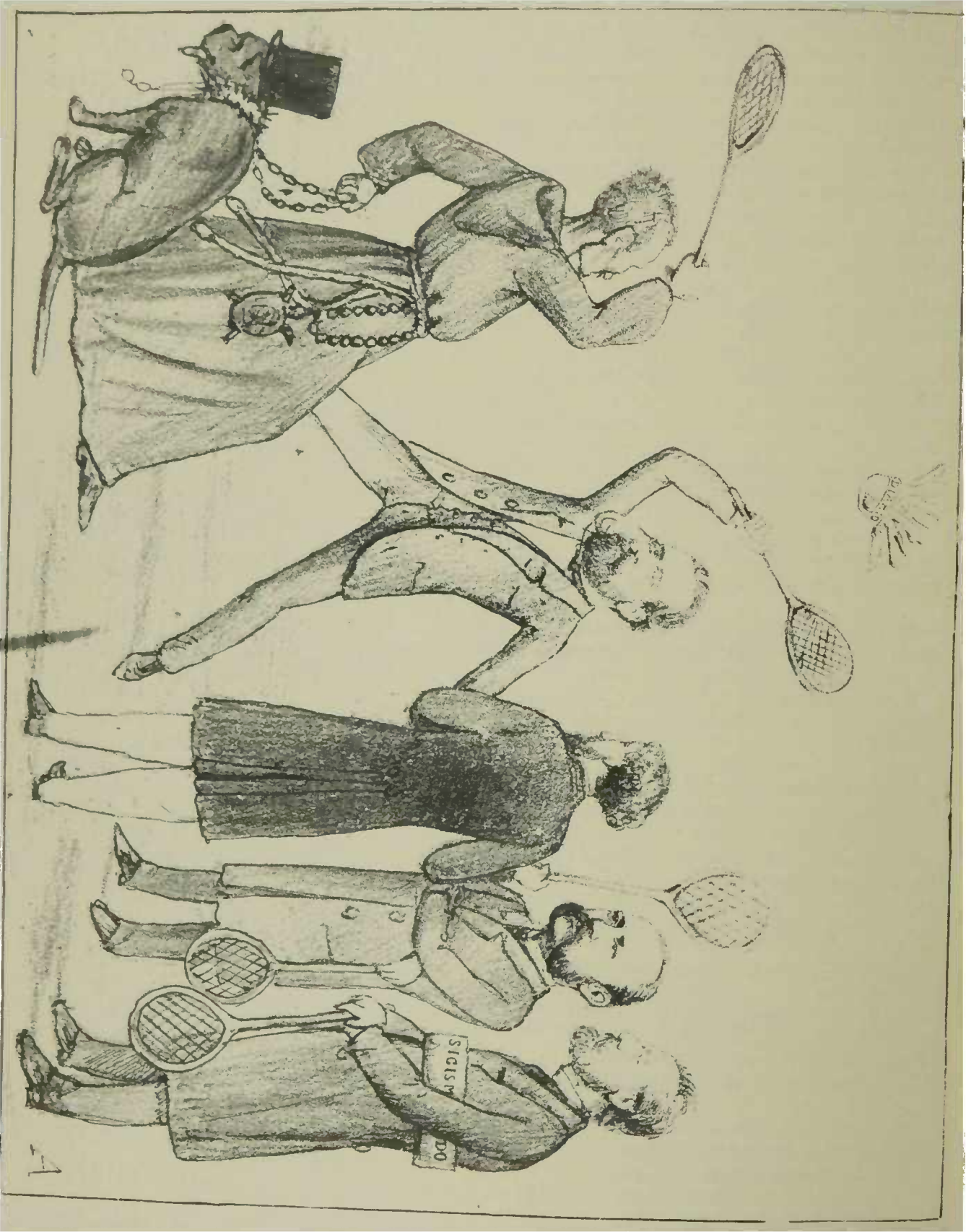
Ha muito, presado amigo,
Dos meus males doce abrigo,
Pretendia eu novas dar-te
D'esta Patria do Deus Marte;
Porém sempre perseguido,
Pelo fado fementido,
Vivo tão atropelado,
De trabalho estenuado,

Que nem sei como mastigo
As torradinhas de trigo,
Com que dou conforto ao peito,
Já das magoas tão desfeito.
Bem sei eu, que a velha historia,
Por querer turbar a gloria
Aos preclaros descendentes
Dos heroes armipotentes
—Cubas, Pires e Buenos—,
Que venceram Turcos, Brenos,
Chinos, Persas, Anglicanos,
Fanfarroens heroes hespanos
—Sancho Pansa e Dom Quixote—,
A bodoque e chifarote,
Quer, por força, que o Deus Marte
Fosse nado em outra parte.
Eu, pcrém, protesto e juro,
Do que digo bem seguro,
Que a estrangeira historia mente;
Porque Marte é d'esta gente.
Inda mais, dizer-te quero,
Contra a voz do mundo fero,
Que as victorias d'esta terra
Quer lançar do lodo á berra,
Que São Jorge, o gram guerreiro,
Aqui viu a luz primeiro;
Que São Pedro, o pescador,
Aqui foi agricultor;
E São Paulo, o cabalista,
Pela fama, foi *Paulista*.

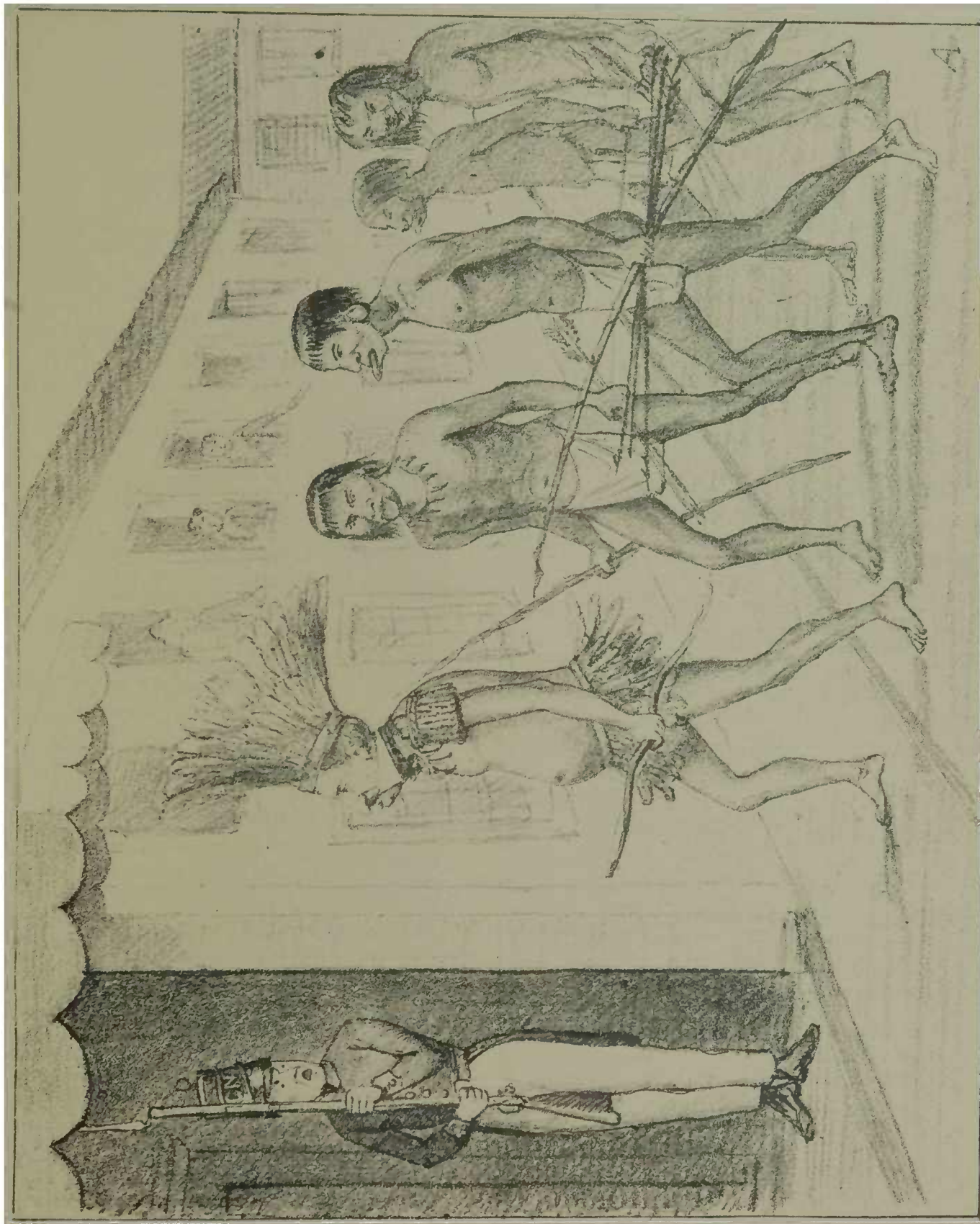
Isto dito, á pressa embhora,
Tratar vou de mim aghora.

Sabes tu, bom Gedeão,
Como vive o cidadão,
Que, mettido entre fidalgos,
Como lebre ao pé de galgos,
Anda sempre amedrontado,
Que lhe-vão, sobre o costado,
Dar de riço, com pujança,
Por amor da temperança;
Pois o pobre, por mania,
Vive sempre em gritaria
Contra os fóros da nobreza,
Que, arrogante, fera e teza,
Vai malhando na gentalha,
Que, pisada, rosna e ralha...

De saude não vou bem;
De dinheiro... nem vintem;
De namoros... menos mal;
Pois que, sendo jovial,
Não receyo ser ferido
Pela setta de Cupido.



O Diário de S. Paulo é jornal cu é peteca ?



O Tenente-Coronel dos Botucudos, á frente de um punhado de bravos, vem oferecer-se para marchar contra o Lopes. Desta vez o Paraguay leva o diabo !... O Cabrito não tem palavras para louvar e admirar semelhante acto porque comprehende muito bem, que o verdadeiro amor da patria revela-se por factos e não por meros palanfricos e pedantescas patriotagens.

E, demais, meu Gedeão,
N'esta era do *Balão*,
Deve o homem namorar,
Que é negocio bem casar.

Quem pretende hury formosa,
Que, em belleza, excede á rosa,
Na candura á neve algente,
Ou do Sol á luz nitente,
Anjo excelso de primores,
Mas sem *dote*—sem valores...
Será tudo, até beocio ;
Nunca homem de negocio.

Tartaruga com dinheiro !...
Isso é vaso de outro cheiro ;
Que bem vale o sacrificio,
Que redundá em beneficio :
Nescia ou tola, malcriada,
Ha de ser idolatrada ;
Que, á hum noivo calculista,
Nada ha que dê na vista.
O desfructe é distração,
A sandice reflexão,
A feiura sympathy,
Seja torta, velha ou *tia* ;
Pois lá diz o velho adagio,
Dos tartufos apanagio,
—Que o dinheiro tudo encobre
E defeito é só ser pobre—.

Por seu lado, as taes matronas,
Apesar de velharronas,
Soccorridas do *postigo*,
Que, de *alcaldes*, é feitiço,
Fazem dar volta ao miolo
Do sagaz tartufo ou tolo.

Vê-se aqui cada magriça,
Com formato de linguíça,
Repimpada atroz perúa,
Roçagante pela rua,
Embrulhada em fino raz,
Preza ao braço de hum rapaz,
Tam himpante, tam pimpona,
Que parece huma Amazona,
Ou singrante Não de Aveiro
Rebocada por Saveiro !
Que rotunda matronaça,
Para quem parece escaça
Toda a terra Americana,
Desde o Prata até Goyana !

Sem *postigo* a magricela
Dá seus ares de gazela,

De raposa ou velha gata ;
Mas, vestida, oh, que Fragata !
Tem postigos, portinholas,
Suspensorios, sugigolas,
Ferros, mastros, cordoalhas,
Encrespadas maravilhas,
Bordas falsas, cabrestantes,
Sondas, boyas e oitantes,
Bujarronas, vela-grande,
Em que o vento audaz se-espande ;
Chaminé, carvão e gaz,
Breu, azeite e agua-raz ;
Por botinas duas lanchas ;
Os dois pés servem de pranchas ;
Lenha, estopa, o alcatrão,
Tudo embaixo do *Balão* !

A garbosa rapazia
Não se-deixa em calmaria :
Cabelleiras, gabinardos,
Chapéos pretos, niveos, pardos,
Pince-nez de toda a casta,
Parvoice muito vasta,
Calça larga, á porcalhota,
Gravatinhas de janota,
Tudo tem, com abastança
Quem se-trata com chibança.

Viva a moda, meu amigo,
Morra tudo que é antigo !

Deixa a roça, Gedeão,
Basta já de ser poltrão
Anda : vem para a cidade,
Traz a tua F'licidade,
A *Marica*, a Josephina,
Bella rosa purpurina.
Quero vel-as estufadas,
De tundás com almofadas,
Rochunchudas e galantes,
Quaes repolhos ambulantes.
Segue a moda e o progresso ;
Volta as costas ao regresso.

E' a moda o salvaterio
Dos que a-buscam com mysterio ;
Da velhota inconsolavel,
Do janota desfrutavel,
Que campando de galante,
Mostra a todos que é pedante ;
Do pansudo sem juizo,
Que com ella cobra o sizo ;
Té no proprio Pio nono,
A moda ferrou tal mono,

Que, de humilde franciscano
O-tornou republicano !...
E mais tarde, por magana,
Revirou-o, com tal gana,
Que dos Reis, irmão querido
Fez o Papa fementido.

Modas ha com tal fartura,
Que parece já loucura :
Chapellinhos á franceza,
Babadinhos á turqueza,
Largas mangas, á romana,
Penteados á sultana,
Capotinhos, sedas frouchas,
Franjas, pentes, rendas, trôchas ;
Lindas flores indianas,
Molas d'aço, barbatanas,
Para erguer seios cahidos
E fazer guapos vestidos.

N'estes tempos, meu querido,
E' que vale ser marido.
Vê lá tu, que és hum mestraço,
Com teus visos de madraço,
Si não é hum grande achado
Este meu enunciado.
E si pescas dá sciencia,
Nota bem a consequencia :
Sahe o marido, coitado,
Pela esposa fulminado,
Vai á loja da Madama,
Que é modista d'alta fama,
Compra leques, luvas, cheiros,
Traz comsigo seis caixeiros,
Carregados de chocalhos,
Que não valem cascas d'alhos,
E, de amores transportado,
Sem se-ver pobre e pellado,
Chama a *Eva* portentosa,
Que vem toda vaporosa,
De cabello esparralhado,
Vestido longo arrastado,
Bocejando, com desdem,
Como quem mil contos tem.
Ergue os olhos molemente ;
Encara o pobre demente,
E, com ar de gran Sultana,
Brada ao tal José-Banana :
« Inda aqui não vejo tudo !
« Que é da capa de velludo ?
« O vestido de chalim ?
« O toucador de marfim ?
« O corpinho decotado ?
« O mantellête bordado ?

« Pois eu hei de ir ao *Cantante* ?
« Sem pulseira de brilhante ?
« Ande. Vá buscar o resto,
« Que, se não, já lhe-protesto,
« (Isto diz rufando as patas)
« De o-mandar plantar batatas !... »

E que tal, meu Gedeão,
Te-parece este sermão ?

Vou casar-me, quanto antes,
Para ter destes instantes.

Depois d'isto a consequencia,
Que nos-mata a paciencia :
Muito filho malcriado,
Muito cueiro *perfumado*,
Choros, berros, gritaria ;
Vem depois a estrepolia,
As escolhas, ós collegios,
E mais outros privilegios,
Que o papae ha de pagar,
Sem tugar, nem resmungar.

Quando quer a negra sorte,
Hum *capricho* da consorte,
Que, por artes do demonio,
Ou encantos de Trophonio,
Torce a orelha e poem cabana
Ao marido, que é pastrana ;
E com labia e com geitinho
D'elle faz hum *coitadinho*...

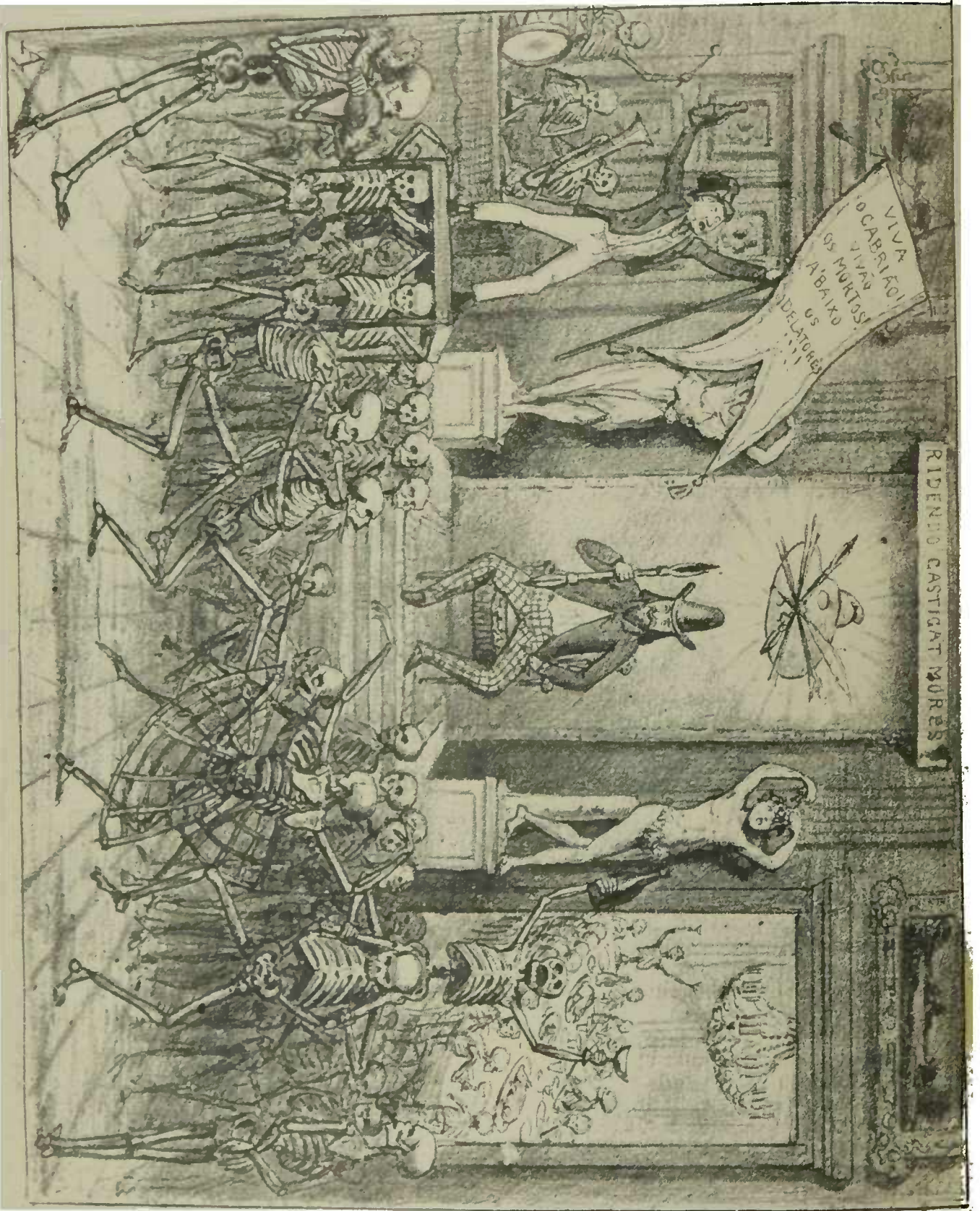
De outras cousas, Gedeão,
Inda cá tenho porção.

De politica não fallo.
Pois que é sino sem badalo,
Em que vai qualquer tarelo
Repicar com seu martelo :
E' negocio de velhacos,
Que só serve para os *Cacos*.

Do Papado nada digo,
Vivo alheio, charo amigo,
A' batina e á corôa,
N'isto sempre andei atôa.

Faço ponto, Gedeão ;
Até outra occasião.
Não te-zangues da maçada,
Que já vai mui prolongada ;
E dispoem, si assim te apraz,
Do teu velho

BARRABRAZ.



Grande baile dado aos mortos pelo Cabrião em aplauso da feliz terminação do seu processo. O Cabrião é um inimigo leal; perdeu as amolices porque também amola. So não perdeu aos delatores).